

# **Experiências de educomunicação em oficinas para professores e estudantes de licenciatura**

Débora Gallas Steigleder  
Claudia Regina da Silva

## **A Educomunicação como proposta para a formação docente**

Este trabalho apresenta a experiência das autoras na realização de atividades de extensão oferecidas para professores de escolas públicas e estudantes de pedagogia e licenciaturas de Porto Alegre e Região Metropolitana. Em formato de oficinas, tais eventos foram promovidos com gratuidade, por meio do Núcleo de Comunicação Comunitária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2017 e 2018. Os encontros tiveram por finalidade possibilitar a expressão e incentivar a autoria dos sujeitos, explorando as especificidades das linguagens, recursos e produtos midiáticos.

Consideramos que a Educomunicação é um campo que se amplia, e se torna cada vez mais necessário como abordagem em todo lugar que a Educação é concebida de forma transdisciplinar. Percebemos, porém, que a formação de professores para incorporar práticas educacionais ainda é bastante limita-

da, seja nas diversas formas de graduação ou mesmo nas ações de capacitação de professores que atuam nas diversas redes de ensino. Quando alguma formação aborda conteúdos midiáticos, costuma tratar apenas da produção de recursos, sem uma apropriação válida das formas de expressão. Além de aprender a operar equipamentos de captação e edição de som e imagem, abordar a produção midiática nas escolas exige compreender a sintaxe das linguagens e, fundamentalmente, saber utilizá-la para estimular a autoria dos aprendentes. Ler criticamente os produtos da mídia e apropriar-se de sua forma estrutural para ser autor, selecionar o que há de relevante a dizer do lugar onde o sujeito está, isso é que garante valor ao uso das mídias no contexto escolar.

Nos inspiramos nos ensinamentos de Paulo Freire (1993) a fim de compreender a prática da extensão universitária enquanto possibilidade de encontro de sujeitos interlocutores, e a comunicação como processo fundamental nesta vivência libertadora. Esta constatação torna-se ainda mais importante para o nosso trabalho na medida em que o campo teórico e prático da Comunicação se mostra central na experiência proposta.

### **A Educomunicação na experiência do professor: aproximações teóricas**

A Educomunicação se oferece naturalmente como campo de inter-relação tecendo possibilidades de autoria, produção de sentidos, aprendizagem e expressão coletiva. Ao vincular a Comunicação e a Educação, a partir dos postulados de autores sul-americanos como Paulo Freire, Jesús Martín-Barbero e Mário Kaplún, Ismar de Oliveira Soares ressalta a dialogicidade e o caráter processual, transdisciplinar e interdiscursivo do novo campo. Para o autor, nesta perspectiva, “não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação” (SOARES, 2000, p.20).

Acreditamos que a formação docente deva ser discutida e planejada de modo a estimular a emancipação, o pensamento crítico e a cidadania dos estudantes de forma transdisciplinar – ou seja, deve ser um processo integrado, um projeto que gere engajamento para além do enfoque de uma disciplina específica ou de um modo único de se interpretar a realidade. Em nossa experiência, busca-

mos, junto aos grupos de educadores em formação, uma tomada coletiva de consciência sobre as possibilidades da comunicação em sala de aula e sobre a postura do educador enquanto problematizador dos conteúdos. Pois, “desta maneira, sua aula não é uma aula, no sentido tradicional, mas um encontro em que se busca o conhecimento, e não em que este é transmitido” (FREIRE, 1993, p.79). A proposta dessa abordagem é de romper com a repetição ingênua de conteúdos midiáticos ao mesmo tempo em que provoca uma apropriação das condições de autoria que essas linguagens podem garantir.

Nossa intenção ao abordar as linguagens midiáticas com esse público está ancorada na proposta de Silverstone, quando afirma que

Nossa preocupação com a mediação como um processo é, portanto, essencial à questão de saber por que devemos estudar a mídia: a necessidade de focar no movimento dos significados através dos limiares da representação e da experiência. (...) Precisamos compreender esse processo de mediação, compreender como surgem os significados, onde e com que consequências. Precisamos ser capazes capazes de identificar os momentos em que o processo parece falhar, em que é distorcido pela tecnologia ou de propósito. Precisamos compreender sua política: sua vulnerabilidade ao exercício do poder; sua dependência do trabalho de instituições e de indivíduos; e seu próprio poder de persuadir e de reclamar atenção e resposta. (SILVERSTONE, 1999, p.42 E 43).

Na Universidade Federal de Santa Catarina, a mídia-educação ganhou espaço de reflexão e investimento na formação de professores, destacando-se o trabalho das precursoras Maria Luiza Belloni e Mônica Fantin, que estabeleceram um diálogo produtivo com o movimento que acontece na Europa, representado pelo italiano Píer Cesare Rivoltella. A pesquisa “O uso dos meios, os consumos culturais e a formação de professores em mídia-educação” foi desenvolvida em Florianópolis e Milão durante três anos, buscando identificar as mudanças que a cultura digital tem colocado para a escola. Entre os resultados obtidos, indicou a necessidade de introduzir a mídia-educação no currículo da formação

inicial de todas as licenciaturas e de organizar comunidades de práticas entre professores e escolas.

A proposta das oficinas de formação que temos oferecido tem a intenção de acordar possibilidades, despertando o interesse de futuros professores e de quem já faz parte do cotidiano escolar como profissional, pela aproximação com as linguagens e recursos que possibilitam expressão e autoria no campo midiático. Conforme Mônica Fantin, é na perspectiva da experiência que transforma, que a formação de professores em mídia-educação (ou em Educomunicação) pode constituir momentos de significação, formação e transformação.

E para que a educação se configure como formação e transformação de sujeitos, as experiências no campo da ciência, da arte, da cultura e da comunicação precisam se construir como possibilidades de autorias. E isso nos leva a perguntar que experiências de encontros, diálogos e autoria a mídiameducação propicia na formação? (FANTIN, 2012, p.63).

A experiência de cada indivíduo nas oficinas provoca estranhamento, reflexão e o exercício de enunciar sentidos apropriando-se de algumas linguagens midiáticas, num exercício de autoria que vai tecendo um produto pelo entrelaçamento de significados. Essa experiência encontra ressonância no questionamento de Roger Silverstone:

No entrelaçamento dos significados da mídia com os nossos, não estamos livres nem acorrentados. Tampouco ainda nos engajamos – mesmo que um dia tenhamos feito – com os produtos da mídia de uma maneira racional ou funcional. Os espaços em que vivemos, tanto em nosso mundo interno como no externo, são dificultados pela vida que levamos e pela pressão da mídia em nossas mentes e almas. Limites estão aí para serem transpostos. Sons para ser remasterizados. Imagens para ser remodeladas. Mas significados estão aí para ser fixados, aceitos, possuídos, ainda que momentaneamente. A pressão da informação, seu ruído, sua intrusão. As infinitas exigências para escolher, decifrar, discriminar. O que faze-

mos com nossa mídia e como fazemos? Como administramos? (SILVERSTONE, 1999, p.111).

Neste sentido, buscamos contribuir para a convergência, na prática, entre as propostas da Educomunicação, da mídia-educação e de outras iniciativas voltadas à alfabetização midiática e à experimentação de ferramentas e linguagens da comunicação em ambiente escolar. Isso porque acreditamos no potencial transformador descrito pelos autores consultados a respeito desse encontro entre campos do conhecimento.

### **A experiência de oferecer formação na universidade**

A proposta de atividades de formação na universidade oferecidas para futuros professores foi inspirada na história da parceria construída pelas proponentes / ministrantes em escolas da rede pública municipal de Porto Alegre nos últimos cinco anos. Essa trajetória teve início na Escola Municipal de Ensino Fundamental Morro da Cruz, onde através dos programas Cidade Escola – Mais Educação foram oferecidas oficinas de Rádio Escolar, atividades de alfabetização audiovisual e organização de campanhas de comunicação vinculadas à organização da etapa local da IV Conferência Nacional Infanto Juvenil pelo Meio Ambiente, em 2013 (BRASIL, 2013). A Conferência na Escola foi o momento de elaborar propostas de intervenção organizadas a partir dos subtemas Água, Terra, Fogo e Ar, abordados na publicação *Mudanças Ambientais Globais- Pensar + Agir na Escola e na Comunidade*. A partir das reflexões, as escolas elaboraram projetos de ação, com a produção de materiais de educomunicação (jornal, vídeo, *fanzi-ne*, rádio, dentre outros) para difundi-los.

Seguiu-se a essa rica experiência outro projeto desenvolvido em escola da rede municipal, que atendeu alunos dos três ciclos de formação que compreendem o Ensino Fundamental na proposta denominada Educação para a Mídia, com oficinas de alfabetização audiovisual, com apropriação de linguagens midiáticas, leitura crítica de dispositivos diversos e produção de narrativas em linguagens variadas, além de visitas a museus, emissora de televisão, universidade e participação em festivais de cinema. Esse projeto teve duração de dois anos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Novo e foi relatado no último

Congresso. Quando encerrou suas atividades, um questionamento surgiu forte: havíamos ocupado espaço importante promovendo ações de Educomunicação nas duas escolas, com resultados inquestionáveis, porém não chegamos a sensibilizar ou alterar práticas de professores.

Nosso trabalho foi dirigido às crianças e adolescentes e, conforme avaliamos então, estava impregnado por nossa formação universitária em Comunicação Social, o que nos fazia lidar com familiaridade com as linguagens das diversas mídias. Foi então que pensamos em tornar acessível a quem vai multiplicar essa possibilidade com os alunos - os professores ou futuros professores – essas possibilidades de valer-se das linguagens e recursos midiáticos para estruturarem seus enunciados e de seus educandos. Ao mesmo tempo em que pensamos nossa trajetória e formação como agentes formadoras no campo da Educomunicação, resgatamos a orientação que permeou todo o processo, desde a busca por uma relação dialógica junto aos sujeitos comunicantes (FREIRE, 1993) à produção midiática em âmbito escolar calcada na interação e na participação cidadã, de forma a superar a concepção instrumental dos meios e das tecnologias de comunicação (MARTÍN-BARBERO, 1996). Era-nos evidente, então, o que podíamos propor e a forma como poderíamos fazê-lo.

As atividades aqui apresentadas foram oferecidas como Ações de Extensão homologadas pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para possibilitar a posterior certificação dos participantes. A realização ocorreu através do Núcleo de Comunicação Comunitária (NUCC) da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da UFRGS, que já havia realizado atividades de formação orientadas pela professora Ilza Maria Tourinho Girardi<sup>1</sup> coordenadora do Núcleo: Oficinas de Educomunicação Socioambiental para professores de escolas públicas (2016) e para estudantes de licenciatura em Biologia (2017), ofertada em parceria com os discentes do curso de Biologia da UFRGS durante a Semana Acadêmica da Biologia (SABIO).

O objetivo geral das oficinas que realizamos foi propor que os professores vivenciassem possibilidades de trabalhar com algumas linguagens das mídias,

---

1 Professora Titular da FABICO/UFRGS.

imaginando a possibilidade de utilizar essa metodologia para abordar temas diversos em sala de aula, de forma a estimular a expressão autoral, a criatividade e a autonomia dos estudantes. Como objetivos específicos, estavam a contextualização da Educomunicação e da educação para a mídia; a abordagem de noções básicas sobre as linguagens próprias das mídias trabalhadas, como áudio, vídeo, foto e texto escrito; e o desenvolvimento, em grupos, de produtos a partir de recursos acessíveis para elaboração e reprodução, como celulares, gravadores de áudio e edição em papel (televisão de manivela).

Oficina para estudantes de licenciatura  
e professores de escolas públicas

MÍDIAS A SERVIÇO DA AUTORIA  
NA SALA DE AULA

8 DE DEZEMBRO (SEXTA-FEIRA), DAS 14h ÀS 18h

ANEXO 1 CAMPUS SAÚDE  
RUA RAMIRO BARCELOS, 2777  
AUDITÓRIO 3 - TÉRREO

Evento gratuito, com entrega  
de certificado de 4 horas/aula

Inscrições: [bit.ly/2z6Qm84](https://bit.ly/2z6Qm84)

Realização:

UFRGS  
FABICO

NÚCLEO  
DE COMUNICAÇÃO  
COMUNITÁRIA  
UFRGS

Figura 1: Cartaz de divulgação da primeira edição da ação de extensão.  
Fonte: Elaboração das autoras, 2017.

As duas primeiras edições, realizadas na, totalizaram 78 participantes. Das 34 pessoas que compareceram ao primeiro encontro, realizado em 8 de dezembro de 2017, a maioria (20) integrava a comunidade da UFRGS, sendo grande parte destes estudantes de graduação em Agronomia, Letras, Filosofia, Química e Matemática e alguns de programas de pós-graduação. Imaginamos que isso se deva à divulgação mais intensiva que conseguimos realizar dentro dos espaços da UFRGS, com afixação de cartazes em várias unidades de todos os campi de Porto Alegre. As outras instituições de origem dos participantes foram Universidade Luterana do Brasil (01), Universidade Feevale (01), Escola Estadual de Ensino Fundamental Matias de Albuquerque (02), Escola Estadual de Ensino Fundamental Júlio Brunelli (02), Escola Estadual de Ensino Fundamental Piauí (01), Escola Estadual de Ensino Médio André Leão Puente (01), SESI-CAT Porto Alegre (01), Escola Técnica Estadual Professora Sylvia Mello (01) e Escola Municipal de Ensino Fundamental Piauí (01).

Propusemos uma oficina com duração de quatro horas, realizada numa tarde de sexta-feira, no dia 8 de dezembro de 2017. A equipe de trabalho recebeu o reforço de Jamille Almeida da Silva, relações-públicas e mestranda em Comunicação, e de Larissa Dorneles, estudante de graduação em Relações Públicas da UFRGS. As inscrições e posteriores avaliações sobre o curso foram colhidas através do recurso *Google Forms*. A continuidade do trabalho foi garantida pelo interesse do público e desejo das proponentes de continuar abordando possibilidades no formato de oficina.

Na segunda edição, recebemos um total de 112 inscrições através do formulário online e precisamos abrir uma lista de espera devido à grande procura. Compareceram 46 pessoas, mas consideramos o grande interesse suscitado pela proposta como indicativo da carência de formação para este público que oferece interface com o campo da Comunicação. Estiveram presentes na atividade estudantes de Graduação da UFRGS (10), da UNIP (01), do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Feliz (01), da Universidade Luterana do Brasil (01), da Estácio (01), do IERGS UNIASSELVI (02) e do Centro Universitário Ritter dos Reis (01), além de uma estudante de Pós-Graduação da UFRGS. Docentes das seguintes instituições também participaram: de Porto Alegre, EMEF Villa Lobos (01), EMEF Zeferino Lopes de Castro (02), Colégio Estadual Paula Soares

(01), Colégio Estadual Tereza Francescutti (01), EEEF Evaristo Flores da Cunha (01), Colégio de Aplicação da UFRGS (01), Escola Henrique Farjat (04), Pequena Casa da Criança (01), Fênix Escola de Inglês (01), Instituto Estadual de Educação Gomes Jardim (01), Colégio João XXIII (01) e UFRGS (02); De Canoas, EMEF Paulo Freire (01); de São Leopoldo, EMEF Professor João Carlos Von Hohendorff (01) e Unisinos (01). Também tivemos uma participante recém-graduada. Nesta edição, contamos com o apoio dos jornalistas Doraci Masiero Jacobus e Giovani de Oliveira na condução das atividades.

Já a terceira edição, realizada durante a Semana Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade IERGS UNIASSELVI contou com 14 participantes. Com exceção de uma pessoa, todas integravam o corpo discente da instituição – mais especificamente, os cursos de Pedagogia, História e Serviço Social.

### **Metodologia proposta**

Desenvolvemos oficinas com duração de quatro horas, focadas na experimentação das linguagens próprias de áudio e vídeo, utilizando dispositivos de fácil acesso no dia-a-dia em sala de aula, para que as dinâmicas propostas sejam facilmente transpostas ao ambiente escolar. O formato de oficina prevê mais experimentação do que exposição teórica, além de testar a produção de alguns produtos para que a experiência possa ser discutida pelos participantes. A experimentação, no caso das produções midiáticas, também permite avaliar a facilidade ou dificuldade apresentada por cada tipo de recurso, seja para captação de áudio ou imagem ou mesmo para se roteirizar previamente o que se deseja fazer. Na última oficina, decidimos adotar a prática de resumir as abordagens sobre a relação entre Comunicação e Educação em um texto escrito, distribuído a todos os participantes, com diversas sugestões de livros e artigos para quem desejasse uma aproximação teórica com o tema.

As atividades sugeridas foram, em vídeo, a elaboração de sequência de planos a partir de esquematização em *storyboard*; e, em áudio, a vinheta, a leitura dramática de diálogo e a notícia – formulada de acordo com as seis questões que compõem o *lead* jornalístico – o que, quem, onde, quando, como e por quê. A captação das imagens ocorreu através da técnica de *stopmotion* a fim de facilitar a montagem e dispensar a edição, pois consideramos importante que os

resultados de todos os trabalhos pudessem ser conferidos pelos grupos ainda durante a oficina. Esse formato também facilita o trabalho dos educadores em sala de aula, dispensando recursos técnicos elaborados para edição.

Nas três experiências, houve destaque à prática de realização do *storyboard* como exercício de registro de sequência narrativa, por se constituir em desafio de experimentar a criação de pequenos vídeos do modo mais simples possível em termos de recursos técnicos: apresentados os planos básicos da linguagem cinematográfica com desenhos em papel, que foram colados na parede do auditório, cada grupo foi orientado a criar uma narrativa planejando no formato de *storyboard* as cenas que deveriam compor o audiovisual. Todos os integrantes receberam uma folha na qual constavam seis quadros em branco, nos quais eles deveriam rascunhar a sequência planejada. Deveriam usar os planos apresentados - de modo que a sequência tivesse equilíbrio e continuidade, com liberdade para abordar o tema da forma que quisessem. Frisamos que os planos captados deveriam ser estáticos, sem modificar o ângulo na mesma captação, de forma a simplificar o exercício de contar uma história que possa ser compreendida pelo receptor, passar uma mensagem e padronizar a linguagem utilizada pelos grupos.

A primeira oficina acabou abordando somente a linguagem audiovisual. Depois de estruturar *storyboards* e registrar as sequências em vídeo estruturado, sob controle dos autores, houve tempo de inserir outro exercício com a câmera do celular. Depois de realizarmos um tipo de captação de imagens e sons onde se obedecia a um roteiro prévio, discutido em grupo – o que exige negociar e por vezes abrir mão de ideias –, propusemos a captação no formato que se convencionou chamar de ‘Minuto Lumière’. Consiste em escolher um ângulo e um plano e permanecer durante um minuto com a câmera ligada, registrando o que acontece diante dela, sem interferência. Individualmente, os participantes foram para a parte externa do prédio onde funciona a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação e realizaram seus trabalhos. Após, assistimos aos registros dos ‘Minuto Lumière’ e conversamos sobre os dois tipos de recursos experimentados naquele dia e as possibilidades de aplicar tais atividades em outros espaços, com outros grupos.



*Figura 2: Grupo em processo de elaboração do storyboard; ao fundo, desenhos com as indicações dos tipos de planos de câmera.*

*Fonte: Claudia Regina da Silva e Débora Gallas Steigleder, 2017.*



*Figura 3: Participante rascunha planos no storyboard.*

*Fonte: Claudia Regina da Silva e Débora Gallas Steigleder, 2017.*



*Figura 4: Prática do Minuto Lumière no pátio da FABICO/UFRGS.  
Fonte: Claudia Regina da Silva e Débora Gallas Steigleder, 2017.*



*Figura 5: Prática do Minuto Lumière no pátio da FABICO/UFRGS.  
Fonte: Claudia Regina da Silva e Débora Gallas Steigleder, 2017.*

Na primeira edição, não determinamos uma temática específica para a criação de mensagens / narrativas. Já na segunda oficina, decidimos convergir os trabalhos para o mesmo foco temático, o empoderamento da mulher, a fim de discutir as diferentes formas de abordar questões vinculadas ao empoderamento feminino – questão atual e recorrente - e os diferentes sentidos acionados por cada grupo ao falar sobre o assunto. Decidimos prosseguir com a proposta de abordar um assunto de referência para a terceira oficina, quando optamos pela burocracia como sugestão de tema a ser trabalhado nos grupos e, na ocasião, acrescentamos uma atividade voltada à recepção de produtos midiáticos: a sensibilização e discussão sobre o assunto a partir da exibição do curta *O Escritório*, de Krzysztof Kieslowski.

Adotamos a prática de, ao final das oficinas, adicionar os participantes a uma lista de e-mails na qual possamos compartilhar dicas e sugestões sobre a produção de peças de comunicação em sala de aula. Consideramos este acompanhamento posterior dos participantes de grande importância para a manutenção dos vínculos criados em grupo durante as oficinas, além de ser um canal de comunicação prático e eficaz para quem deseja fomentar parcerias de trabalho. Através do retorno recebido nas avaliações dos participantes, acreditamos que a existência de um espaço dentro da universidade pública voltado à formação de educadores interessados no trabalho com mídias seja imprescindível na atualidade, visto que estes se apresentam como multiplicadores em contato direto com estudantes do ensino básico, sendo, portanto, capazes de fortalecer a produção midiática e desenvolver a formação de receptores e leitores críticos entre crianças e jovens

Nossa intenção é prosseguir trabalhando com tal público, possivelmente em um Projeto de Extensão de maior abrangência e carga horária, de forma a abordar temas e explorar dispositivos e linguagens que ainda não puderam ser tangenciados nas experiências anteriores.

## **Considerações**

Através do relato apresentado, ressaltamos a dimensão da rede de contatos que pudemos formar ao longo dos três encontros e a heterogeneidade do pú-

blico atendido pelas oficinas. Tendo em vista sermos apenas duas integrantes à frente da iniciativa – contando apenas com apoios pontuais –, consideramos satisfatório termos conseguido atender e certificar 92 participantes no total, ainda mais por todos terem tido a oportunidade de experienciarem uma base semelhante de trabalhos com audiovisual. Talvez uma equipe maior pudesse atender os grupos de forma mais personalizada; mas, por outro lado, percebemos como positiva a possibilidade de exercitar autonomia e criatividade através da negociação de estratégias de comunicação junto à equipe de trabalho.

Assim, avaliamos que há bastante oportunidade para crescimento de iniciativas como as que estão aqui relatadas, voltadas a professores de escolas públicas e estudantes de licenciatura, que relatam carência não somente no domínio de linguagens e tecnologias midiáticas, mas também de espaços de troca junto a quem também deseja implementar projetos voltados à autoria e à expressão dos educandos em outras instituições.

Acreditamos que a universidade pública é um espaço acolhedor para os participantes e, além disso, deve cumprir o seu papel social de comunicar à comunidade os conhecimentos ali desenvolvidos. Ao mesmo tempo, a universidade pública também deve abraçar os saberes trazidos à tona através desta relação com a comunidade. Esta é uma iniciativa inédita na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, mas que está vinculada de forma intrínseca a propostas de formação cidadã e direito à comunicação debatidas dentro da instituição.

## Referências

BRASIL, IV Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente. *Vamos cuidar do Brasil com escolas sustentáveis*. Brasília: Ministério da Educação, 2013. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=38511-iv-cnijma-relatorio-final-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=38511-iv-cnijma-relatorio-final-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 23 set. 2018.

FANTIN, Mônica; RIVOLTELLA, Pier Cesare (orgs.) *Cultura digital e escola: Pesquisa e formação de professores*. Campinas, SP: Papirus, 2012.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Heredando el futuro: pensar la educación desde la comunicación. *Nómadas*, Bogotá (Colômbia), n.5, p.1-14, 1996. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=105118998002>>. Acesso em: 20 set. 2018.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a Mídia?* São Paulo: Edições Loyola, 1999.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. *Comunicação e Educação*, São Paulo, n.19, p.12-24, set./dez.2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934/39656>>. Acesso em: 20 set. 2018.

SILVA, Claudia Regina. Educação para a Mídia: diálogos a partir de um Porto Novo. In: SOARES, Ismar; XAVIER, Jurema; VIANA, Claudemir (orgs.). *Educomunicação e suas áreas de Intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural*. São Paulo, ABPEducom, 2017, p.399-405. Disponível em: <[https://issuu.com/abpeducom/docs/livro\\_educom\\_-\\_paginas\\_em\\_sequencia](https://issuu.com/abpeducom/docs/livro_educom_-_paginas_em_sequencia)>. Acesso em: 23 set. 2018.

## Sobre as autoras

**Débora Gallas Steigleder** - Jornalista, mestra e doutoranda em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Integrante do Núcleo de Comunicação Comunitária da UFRGS, do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental UFRGS/CNPq, do Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul e do Núcleo da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação no Rio Grande do Sul.

**Claudia Regina da Silva** - jornalista, mestra em Educação, especialista em coordenação e avaliação de projetos sociais e culturais para o terceiro setor, especialista em educação especial e comunicação alternativa, arteterapeuta, professora na rede pública municipal de Porto Alegre, integrante do Núcleo da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação no Rio Grande do Sul.